Da especificidade da leitura popular da Bíblia e sua crítica

Kinno Alves Cerqueira[1]

Resumo

Discuto duas possíveis respostas à pergunta pela especificidade da Leitura Popular da Bíblia: se a Leitura Popular da Bíblia se distingue de leituras outras por seu programa hermenêutico e/ou por seu processo hermenêutico. O que segue é uma tentativa – frustrada, talvez – de dizer algo a este respeito.

Palavras-chave: Crítica. Leitura Popular da Bíblia. Especificidade. Programa hermenêutico. Processo hermenêutico.

Introdução

Qual é o traço distintivo da Leitura Popular da Bíblia? O que distingue a Leitura Popular da Bíblia de outras leituras? Eu tenho a impressão de que as possíveis respostas a essas perguntas têm sido mais supostas e assumidas do que expostas e discutidas. Nas páginas que seguem, discuto duas possíveis respostas a essas perguntas e sublinho algumas críticas que julgo pertinentes para cada uma delas[2].

1 A Leitura Popular da Bíblia como programa hermenêutico

A opção pelos empobrecidos constitui o núcleo duro da Leitura Popular da Bíblia. Daí decorre seu programa hermenêutico: interpretar a realidade da vida à luz

[1]Doutorando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Norte do Brasil (STBNB)/Faculdade Diocesana de Mossoró (FDM). Assessor do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) para a área de estudos bíblicos. *E-mail: kinno_cerkeira@hotmail.com*

[2] A opção por escrever em primeira pessoa é uma decisão ética: sublinhar minha proximidade ao objeto material de que estou a tratar e ressaltar a particularidade de meu olhar. Assim, sempre que eu escrever a partir de um ponto de vista eminentemente particular, fá-lo-ei em primeira pessoa.

de leituras bíblicas realizadas pelos empobrecidos e a partir da causa dos empobrecidos, e vice-versa[3].

Tomando-se o Êxodo (Ex 1–15) como narrativa paradigmática, lê-se a Bíblia em clave libertadora do Gênesis ao Apocalipse. A libertação é concebida como o pulmão da Bíblia; e a profecia, como seu coração. A literatura sapiencial é vista como uma variante da tradição da sabedoria popular. Jesus é um revolucionário; enfatizam-se as condições políticas de sua morte de cruz. A Bíblia, do começo ao fim, é a caminhada de libertação de um povo suscetível a injustiças e opressões. Deus estava ao lado do povo oprimido do passado, Deus está ao lado do povo oprimido de hoje: deduz-se. A Bíblia é lida em função de um programa hermenêutico específico: a libertação dos empobrecidos e a construção de uma sociedade justa.

Na qualidade de programa hermenêutico, a especificidade da Leitura Popular da Bíblia teria que ver fundamentalmente com seus resultados de leitura, com o perfil de suas conclusões, com o tipo de orientação política de suas proposições. Nessa perspectiva, a Leitura Popular da Bíblia é considerada "popular" desde que haja justeza entre as conclusões apresentadas ao cabo da leitura e as conclusões sobre as quais repousa seu programa hermenêutico.

O programa hermenêutico da Leitura Popular da Bíblia parece-me legítimo e necessário. À diferença dos acordos hermenêuticos feitos nas sombras das pós-graduações em teologia – acordos inconfessos! Será por quê? –, a Leitura Popular da Bíblia sempre ousou assumir a que veio. Se seus horizontes não estiveram tão claros desde seu início, não se poderá dizer o mesmo de seu ponto de partida, de sua opção nuclear, a opção pelos empobrecidos, opção sempre assumida e integrada organicamente a seu programa hermenêutico. Que não existe leitura neutra, desconsidero falar, é *locus communis*.

A reafirmação da legitimidade do programa hermenêutico da Leitura Popular da Bíblia não dispensa frequentes revisões críticas. A urgência da tarefa não

[3] Para um visão histórico-metodológica da Leitura Popular da Bíblia, ver: MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. Critérios e Método na Leitura Popular da Bíblia. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Educar para a Justiça, a Solidariedade e a Paz*. São Paulo: Paulus [Curso de Verão, Ano XVIII], 2005; CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. *Atualidade Teológica*25 (2007) p. 76-103.

justifica a cegueira em relação a ela. A crítica é a consciência de qualquer programa hermenêutico que se queira sério. E, se as pessoas diretamente envolvidas na Leitura Popular da Bíblia temos falhado em alguns pontos, parece-me claro que um deles é a ausência de crítica.

Tenho a impressão de que a crítica fundamental deva dizer respeito ao grau de liberdade que a Leitura Popular da Bíblia mantém em relação aos programas das esquerdas. Com relativa frequência, minhas observações levam-me a concluir que os círculos de Leitura Popular da Bíblia, geralmente formado por pessoas de esquerda – dentre as quais me incluo –, têm sido impulsionados, guiados e consumados a partir de uma busca por confirmação de certezas inquestionáveis.

A identificação imediata entre a Leitura Popular da Bíblia e um determinado fecho de conclusões manualísticas parece fomentar uma ambiência propícia à reafirmação de velhas certezas. No seio de tal ambiência, opera-se a leitura do mundo e da Bíblia a partir de noções insuficientes para lidar com a complexidade dos textos social e bíblico: segundo me parece, o binarismo e a heteronomia são duas dessas noções mais criticáveis.

O binarismo mostra-se presente, por exemplo, quando se concebe o mundo social como que dividido entre opressores e oprimidos, ricos e pobres, brancos e pretos, culpados e vítimas, assim como quando se cinde, sem mais nem menos, o político do pessoal e este daquele. Mais: a perspectiva binária parece pouco sensível ao *modus* das narrativas bíblicas, na medida em que se propõe separar realidades que, na literatura bíblica, aparecem inelutavelmente enleadas entre si, embora em permanente tensão[4].

Ora, uma noção binária parece mediar tão somente o encontro entre nós e nossas próprias ilusões, privando-nos de olhar mais argutamente a complexidade

[4] Um dos mais aclamados pressupostos da Leitura Popular da Bíblia é aquele segundo o qual a Bíblia é palco de dois projetos, um representando os sonhos libertários do povo e outro, os interesses da monarquia. Essa visão é textualmente expressa em GASS, Ildo Bohn (org.). *Introdução à Bíblia*: porta de entrada (vol. 1). São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2012, p. 33-35, e assumida acriticamente por mim, em CERQUEIRA, Kinno Alves. *Curso básico de interpretação bíblica*: chaves para ler a Bíblia. São Leopoldo: CEBI, 2020, p. 20-25. Trata-se, a meu ver, de uma distinção exagerada, que resulta na fomentação de uma concepção equivocadamente binária da Bíblia. Na Bíblia, realidades que nos soam díspares aparecem irremediavelmente interpenetradas entre si. Se o aludido pressuposto é compreensível no contexto de uma militância devota, não o é, contudo, no campo dos estudos bíblicos.

do real da vida e do texto, fazendo-nos perder de vista suas dobras e interstícios, seus desvios e indeterminações, seus subterrâneos discretos e insinuações luminosas, a potência de suas delicadezas e seus despercebidos segredos. O binarismo recusa a insistência das tensões e repudia a imprevisibilidade das misturas.

A heteronomia é outra noção problemática, talvez a mais encrustada e inegociável de todas. Visão segundo a qual a humanidade é interpelada por uma lei que lhe é externa, a heteronomia dá os ares de vívida presença em formulações como Palavra de Deus, Projeto de Deus, Vontade de Deus, Reino de Deus. A ideia de que a Bíblia é Palavra de Deus, de que essa Palavra revela o Projeto de Deus para mundo e de que esse Projeto, na medida em que expressa a Vontade de Deus, coincide com o Reino de Deus é, na melhor das hipóteses, um óbice à necessária compreensão de que as narrativas bíblicas são, a rigor, reflexões sobre o humano no mundo, meditações sobre seus desejos e receios, nunca sobre os deuses como realidades ontológicas, senão como personagens criadas pelo humano em busca de si mesmo. Os deuses somos nós[5].

A heteronomia induz a relações injustas entre nós e a Bíblia. Embora a Leitura Popular da Bíblia postule que a primeira e mais fundamental Palavra de Deus é a vida, no mais das vezes, o suposto primado da palavra-vida não impede que o leitor escute a palavra-texto como se esta fosse sua mãe, senhora e mestra, merecendo, por isso, obediência, mesmo que à custa de "hermenêuticas redentoras" do texto. O biblicismo, tão questionado pela teóloga Ivone Gebara, permanece fortíssimo na Leitura Popular da Bíblia.

Feita a crítica à persistência do binarismo e da heteronomia na Leitura Popular da Bíblia, ainda cabe assinalar, mesmo que à maneira de um simples aceno, que o programa hermenêutico da Leitura Popular da Bíblia não pode ser concebido como um traço distintivo da Leitura Popular da Bíblia. A razão para dizê-

[5]A este respeito, vejam-se, por exemplo: FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papirus, 1997; FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2018; CERQUEIRA, Kinno Alves. *A compreensão do Reino à luz da representação de Deus como Pai a partir da oração do Pai-Nosso*. 104 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia, 2020 (ver, sobretudo, seu terceiro capítulo). Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1371> Acesso: ABR 2022.

lo reside na constatação de que as conclusões clássicas desse programa[6] podem ser encontradas em textos oriundos de leituras outras. Considere-se, por exemplo, a obra *Teologia do Novo Testamento*, de Joaquim Jeremias: obra resultante de substancial erudição, guarda afirmações mais radicais que as das teologias da libertação e da Leitura Popular da Bíblia, especialmente quando diz que o Reino de Deus é *exclusivamente* para os empobrecidos (JEREMIAS, 2004, p. 186-187). O programa hermenêutico da Leitura Popular da Bíblia não figura, pois, como seu distintivo fundamental.

2 A Leitura Popular da Bíblia como processo hermenêutico

A Leitura Popular da Bíblia não se encerra em seu programa hermenêutico. A Leitura Popular da Bíblia é, antes de tudo, um modo específico de leitura. Por mais que se acentue seu programa hermenêutico, entendo que o que há de mais original e promissor na Leitura Popular da Bíblia seja seu modo específico de leitura, não as conclusões obtíveis ao cabo de seu modo específico de ler.

O modo específico de leitura da Leitura Popular da Bíblia caracteriza-se pela primazia da intersubjetividade como dinamizadora do processo hermenêutico. A Bíblia é lida comunitariamente; os integrantes do círculo bíblico partilham suas impressões pessoais; estas são debatidas entre os presentes; ao final, faz-se uma síntese provisória, ao modo de perguntas e perspectivas, da experiência de leitura comum[7].

A aposta na leitura intersubjetiva pode levar à descoberta de que: a) as singularidades dos leitores ampliam o raio comunitário de percepção das singularidades do texto; b) ao tomar a palavra, os leitores se implicam no que dizem; c) quando se arriscam a dizer o que pensam e sentem, os leitores se

[6] Por exemplo: Deus estava ao lado do povo oprimido do passado em sua caminhada de libertação, Deus está também ao lado do povo oprimido de hoje em sua caminhada de libertação.

[7]Para uma apresentação sobre a intuição e prática da Leitura Popular da Bíblia, ver CERQUEIRA, Kinno Alves. Leitura popular da Bíblia: intuição e prática. In: *Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 30 e 31 de outubro de 2019; p. 21-26. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/simpcris/simpcrisxix/paper/viewFile/1591/395>. Acesso: MAI 2022.

inscrevem num processo de conquista da coragem de escutar e assumir o que pensam e sentem[8].

No campo dos estudos bíblicos, tanto em nível estritamente acadêmico como em nível popular, ainda impera um clima de controle e de marginalização: penso no controle hermenêutico calcado no recurso ao contexto histórico, dogma segundo o qual a descoberta do "sentido original" do texto estaria condicionada ao conhecimento das condições históricas de sua produção; ao lado disso, tenho presente a deplorável percepção de que o bom êxito da leitura estaria condicionado à marginalização e neutralização da subjetividade dos leitores.

Onde está o sentido do texto? Na mente/intenção do autor do texto? No contexto histórico em que o texto surgiu? No próprio texto? No leitor que o lê? O sentido do texto não reside plenamente em lugar nenhum. O sentido do texto é, invariavelmente, uma construção operada no processo da leitura, seja ela de caráter intersubjetivo – como ocorre na Leitura Popular da Bíblia – ou de caráter subjetivo, como é comum em leituras mais solitárias.

O que subjaz à busca pelo sentido "original" do texto, senão o desejo de controle de si e dos outros?[9] O que explica a persistente hesitação em assumir que a Bíblia e suas interpretações são obras formal e substancialmente humanas? Por quais razões tendemos a abraçar a ilusão de que existem fundamentos sólidos para nosso pensar e proceder? O que a leitura concede desvelar, senão as entranhas do leitor e do mundo?

Ao que me parece, a Leitura Popular da Bíblia é potencialmente propícia à redescoberta da beleza de escutarmos o que pensamos e sentimos, da grandeza de admitirmos a provisoriedade de nossas respostas e da liberdade de caminharmos com perguntas que não se entregam a respostas fáceis.

Penso, contudo, que a ênfase excessiva em seu programa hermenêutico tem feito da Leitura Popular da Bíblia um jogo de cartas marcadas, no qual as conclusões antecedem a leitura e as certezas não abrem espaço para perguntas. A

[8] Eis a lição de Schopenhauer e Nietzche que me parece da mais alta importância: ousar pensar e sentir por si mesmo. SHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2019, p. 39-54; NIETZCHE, Friedrich. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 72.

[9] Contextos são narrativas construídas, desconstruídas e reconstruídas ao sabor dos métodos e perspectivas dos historiadores.

leitura deixa de ser experiência intersubjetiva para tornar-se consenso de gueto, com cada pessoa confirmando a outra no nível de reflexão em que já se encontra. As singularidades dos leitores sofrem inibição, quase não influem na leitura, não podem mais desvelar as delicadas curvas do texto. Os leitores não podem pensar por si mesmos: o que importa é estar do lado "certo" da história e seguir a vida satisfeito. Numa palavra: na Leitura Popular da Bíblia, o processo hermenêutico é alijado pelo programa hermenêutico.

Se houver algum grau de razoabilidade quando digo que a originalidade da Leitura Popular da Bíblia não está em seu programa hermenêutico, mas em seu processo hermenêutico, também se poderá imputar algum nível de razoabilidade ao entendimento de que se segue solapando aquilo que confere especificidade à Leitura Popular da Bíblia, a saber, a genuína – não artificial! – primazia da intersubjetividade como dinamizadora do processo hermenêutico[10].

Considerações finais

A Leitura Popular da Bíblia pode ser concebida de dois modos: como programa hermenêutico e como processo hermenêutico. Sua especificidade, porém, tem mais que ver com o segundo do que com o primeiro, embora, atualmente, acentue-se mais o primeiro.

A primazia da intersubjetividade, pedra de toque da Leitura Popular da Bíblia como processo hermenêutico, tem sido esmaecida pelo acento demasiado em um programa hermenêutico cujas conclusões se mantêm à custa de consensos acríticos.

A Leitura Popular da Bíblia, não obstante ainda ser um dos mais fecundos modos de leitura da Bíblia, carece de uma crítica que lhe devolva o gosto pela liberdade e a disposição para a suspensão de ideias cristalizadas. O excesso de certezas pesa, cerceia, impede o gozo de voar...

[10] Sobre o lugar da subjetividade na leitura, ver LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie et al. *Leitura subjetiva e ensino da literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

Referências

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. **Atualidade Teológica**, n. 25, p. 76-103, 2007.

CERQUEIRA, Kinno Alves. **Curso básico de interpretação bíblica**: chaves para ler a Bíblia. São Leopoldo: CEBI, 2020.

CERQUEIRA, Kinno Alves. **A compreensão do Reino à luz da representação de Deus como Pai a partir da oração do Pai-Nosso**. 104 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia, 2020. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1371> Acesso: ABR 2022.

CERQUEIRA, Kinno Alves. Leitura popular da Bíblia: intuição e prática. In: **Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações**. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 30 e 31 de outubro de 2019; p. 21-26. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/simpcris/simpcrisxix/paper/viewFile/1591/395> . Acesso: MAI 2022.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papirus, 1997.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GASS, Ildo Bohn (org.). **Introdução à Bíblia**: porta de entrada (vol. 1). São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2012.

JEREMIAS, Joaquim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2004.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie et al. **Leitura subjetiva e ensino da literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. Critérios e Método na Leitura Popular da Bíblia. In: BEOZZO, José Oscar (org.). **Educar para a Justiça, a Solidariedade e a Paz**. São Paulo: Paulus [Curso de Verão, Ano XVIII], 2005.

NIETZCHE, Friedrich. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2019.